

## “Sem o Noronha não éramos nós”:

A geração Antônio Noronha Filho em Teresina (1970).

*Carlos Lopes Barbosa<sup>1</sup>*

**Resumo:** Teresina nos anos da década de 1970 possuía um cotidiano de mudanças e manifestações culturais mesmo sob um contexto de ordenações políticas autoritárias. Neste período, o Estado do Piauí assistiu a emersão em torno dos mais diversos espaços de sociabilidades da cidade, de um grupo de jovens artistas empenhados na construção de novos códigos comunicacionais tendo como inspiração o poeta Torquato Neto. Um jovem médico conhecido como Dr. Noronha, na maioria das vezes se colocava como mecenas e pivô na manutenção desse grupo de amigos. Na busca em compreender o papel do médico piauiense Antônio Noronha Filho como participante ativo na denominada “geração Torquato Neto” (BRITO, 2013) uma questão torna-se bastante pertinente: em que ponto é possível constatar o surgimento de uma nova geração, a “geração Antônio Noronha Filho” (BARBOSA, 2018)? O presente trabalho, tomando este contexto como principal argumento empírico, se propõe a narrar a história das relações entre “práticas espacializantes” (CERTEAU, 2014) e a arte experimental dos citados sujeitos com as condições históricas de existir no interior das quais a geração de jovens em estudo efetivamente emergiu.

**Palavras-chave:** História; Sociabilidades; Teresina; Noronha; Geração.

**Abstract:** Teresina in the 1970 had a daily routine of cultural changes and manifestations even under a context of authoritarian political ordering. During this period, the State of Piauí witnessed the emergence around the most diverse spaces of sociability in the city, of a group of young artists engaged in the construction of new communication codes inspired by the poet Torquato Neto. A young doctor known as Dr. Noronha, most often put himself as a patron and pivot in maintaining this group of friends. In the search to understand the role of the physician from Piauí, Antônio Noronha Filho as an active participant in the so-called “geração Torquato Neto” (BRITO, 2013), a question becomes very pertinent: at what point is it possible to verify the emergence of a new generation the “geração Antônio Noronha Filho” (BARBOSA, 2018)? The present work, taking this context as its main empirical argument, proposes to narrate the history of the relationships between “spatializing practices” (CERTEAU, 2014) and the experimental art of the mentioned subjects with the historical conditions of existing within which the generation of young people in study effectively emerged.

**Key words:** History; Sociabilities; Teresina; Noronha; Generation.

## “WITHOUT NORONHA IT WOULDN'T BE US”: THE ANTÔNIO NORONHA FILHO GENERATION IN TERESINA (1970).

---

<sup>1</sup> Graduado em História pela Universidade Estadual do Piauí (UESPI); Mestre em História do Brasil pela Universidade Federal do Piauí (UFPI). Tutor à distância do curso de Licenciatura Plena em História no Centro de Educação Aberta a Distância da Universidade Federal do Piauí, no polo de Uruçuí. E-mail: <carlosratm@hotmail.com>

## Considerações iniciais

Em um cotidiano de mudanças e manifestações artísticas, corpos femininos usando mini saia e mini blusa, ao mesmo tempo corpos masculinos cabeludos usando bolsa a tira colo com uma garrafa de vinho numa das mãos e uma bitola super-8 noutra, se manifestavam na cidade de Teresina dos anos 1970<sup>2</sup>. Neste cenário a atmosfera da cidade era de mudanças radicais, em que algo incomodava um grupo de jovens amigos: seria o tempo, a geografia, os desejos, os sentidos, o Estado, o filme do governo Alberto Silva<sup>3</sup>: *Guru das Sete Cidades* (1972)? Neste contexto, esses jovens encaravam as decisões governamentais e atitudes verticais e sociabilidades<sup>4</sup> como possibilidades de manifestações inventivas.

Nisto, surge uma figura singular, um líder de uma juventude teresinense desbundada, ou como sugere Pais (2004) uma “tribo” composta por corpos em busca de sua emergência identitária. O jovem médico chamado Antônio Noronha Filho tornou-se uma espécie de mecenas das experimentações juvenis e a partir de um sentimento de ostracismo artístico por parte do governo Alberto Silva realizou o que ele mesmo denominou de uma verdadeira “paródia filmica” ou simplesmente um “vômito daquilo que nós comíamos” (SOUSA; CASTELO BRANCO, 2014, p. 72). Desta forma Dr. Noronha (como ficou conhecido), em meio a vários acontecimentos e a ponto de explodir criativamente se posiciona criticamente perante os acontecimentos a partir de atitudes típicas de um sujeito não ordinário que de certa maneira pode ter influenciado para o surgimento de uma nova geração, a “geração Antônio Noronha Filho”<sup>5</sup> (BARBOSA, 2018).

O uso do conceito “geração” neste texto será trabalhado a partir do entendimento de que a interação entre identidade e geração age como conectivo entre a história individual e a

---

<sup>2</sup> De acordo com Sennett (2016), para compreendermos a cidade resultante da pós-modernidade é preciso lançar um olhar para as movimentação dos corpos, isso nos ajudará a entender os paradigmas em tempos em que “a massa de corpos que antes aglomerava-se nos centros urbanos hoje está dispersa, reunindo-se em pólos comerciais”. Esse é o “corpo político”, conceito importante para entendermos as movimentações juvenis nos mais diversos espaços e contextos.

<sup>3</sup> Em um processo intensificado pela centralização política da época foram indicados para assumir o comando administrativo do Estado e da Capital do Piauí (respectivamente) os engenheiros Alberto Tavares Silva (1971-1975) e o Major Joel da Silva Ribeiro (1971-1975) (MONTE, 2010).

<sup>4</sup> De acordo com Costa (2018) o conceito de sociabilidades é considerado atualizado ligado a busca de uma compreensão a respeito dos múltiplos universos sociais urbanos. Tal conceito nos ajuda a entender as relações sociais resultantes de objetivos e interesses diversos, como por exemplo, os alimentares, sexuais, religiosos, econômicos ou políticos. Portanto, é o estabelecimento de relações sociais múltiplas em âmbito urbano.

<sup>5</sup> A ideia de entender o grupo de amigos que aqui é objeto de estudo como uma “nova geração”, a geração Antônio Noronha Filho, surgiu durante minha pesquisa de mestrado a partir do momento que entendi que esses sujeitos tinham em comum a admiração pela figura emblemática do Dr. Noronha da mesma forma que a de Torquato Neto, levando em consideração o surgimento, em âmbito acadêmico, do conceito “Geração Torquato Neto”.

história social. Pois, entendo que a “individualidade e a sociedade são construções históricas. É necessário analisar suas interconexões e simultaneamente suas mudanças ao longo do tempo” (FEIXA; LECCARDI, 2010, p. 190). Portanto, a relação entre estas duas dimensões emerge claramente a partir do entendimento das referências ao tempo social vivido. No caso de nosso objeto de análise serão os anos da década de 1970 onde ocorre essa conexão. Dessa forma, seria uma geração construída num período de tempo o qual a identidade é constituída a partir de recursos e significados que estão socialmente e historicamente disponíveis na época. Nesse sentido os anos 1970 funcionaram como tempo social determinante para o surgimento da geração Antônio Noronha Filho – retirando deste quadro a perspectiva temporal – pois os significados compartilhados são os mesmos e as identidades que os caracterizam como tal são “mais do que signos, propriamente ditos” e sim modos de se “alterar as regras do espaço repressor [...]” (PAIS, 2004, p. 13).

No caso da geração Antônio Noronha Filho o sentimento de pertencer ou pertencimento a um determinado tempo social e a um grupo pode ser um fator importante que resultaria no surgimento da geração em estudo. Em grande medida, a geração a qual me refiro converge com a que não é denominada de “a geração padrão”, mas acima de tudo uma estrutura primordial na engrenagem do tempo cuja importância pode variar conforme os períodos abordados. Nesse caso as “interconexões” são o que caracterizam a geração – não sendo as mesmas perpetuando-se ao longo dos tempos – e se modificam de acordo com o contexto no qual são analisadas (SIRINELLI, 2006).

O contexto em que se inicia a geração Antônio Noronha Filho são os anos iniciais da década de 1970, cujas “interconexões” na história individual e na história social possuem relações e entre estas as dimensões das referências ao tempo social. Ou seja, o período de surgimento seria a década de 70, tempo em que as regras de ordenações dos espaços vindas dos órgãos repressores do Estado são compartilhadas pelos jovens do grupo a partir de um verdadeiro jogo entre forças num quadro em que se manifestam as mais diversas formas de artes experimentais em busca de burlar as condições objetivas impostas.

Neste ponto, Dr. Noronha torna-se um sujeito que se identifica – não no sentido biológico ou temporal – com o tempo das disputas e conflitos entre objetivar e ser subjetivado sob as ordenações do poder neste período. Assim, o Doutor tomou para si a responsabilidade de preservar, continuar e até mesmo patrocinar uma geração de jovens que, no início da década de 1970, possuíam certo entendimento sobre a importância da figura torquateana que

pode ter resultado no sentimento de autorrepresentação do grupo de amigos (SIRINELLI, 2006).

Foram analisados para a construção deste texto jornais alternativos mimeografados produzidos pelo grupo de amigos em estudo, somados ao denominado “cinema espectro Torquato Neto”<sup>6</sup>, um conjunto de filmes cuja importância para a memória imagética da década de 1970 já foi atestada em inúmeros trabalhos acadêmicos. Estas flanâncias urbanas são o centro do argumento empírico desse estudo de forma que a sua existência, bem como a sua condição de sociabilidade que articulou os sujeitos sociais em estudo, funcionará como pré-texto deste trabalho.

A proposta deste estudo é compreender mediante a articulação e análise de fontes tais como filmes em super-8, jornais mimeografados e a memória desses sujeitos em questão, as movimentações experimentais artísticas no caleidoscópio urbano que era a capital piauiense naquele período. Propõe-se também encetar novas discussões a respeito das verdadeiras condições históricas de existir dessa fração de jovens e como ela se definiu e é definida mediante suas interações com os espaços da cidade e suas produções artísticas resultando na emergência dessa geração.

### **Primeiros encontros**

Na década de 1970 a cidade de Teresina passou por várias transformações como, por exemplo, um grande crescimento populacional. Devido a esse inchaço urbano o governo inicia um processo de intervenções espaciais na cidade, nesse aspecto os

dirigentes locais tomaram decisões no sentido de intervir nessa situação, mas foi apenas com a chegada dos militares ao poder, que se instalou uma conjuntura favorável à implantação de reformas em logradouros e instituições públicas, assim como construções suntuosas postas em prática pelos dirigentes locais (MONTE, 2010, p. 203).

No entanto, as intervenções do governo neste período não tinham como único e principal evento motivador o crescimento populacional, consequência do surgimento de ocupações não oficiais, pois, com a chegada dos técnicos ao comando administrativo do

---

<sup>6</sup> A expressão foi criada pelo pesquisador Edwar Castelo Branco para reunir os filmes feitos por ou sob a influência de Torquato Neto. Ver, a esse respeito: CASTELO BRANCO, Edwar. Táticas caminantes: cinema marginal e flanâncias juvenis pela cidade, Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 27, n 53. p 177-194, 2007.

Estado e da Capital do Piauí os engenheiros Alberto Tavares Silva (1971-1975) e o Major Joel da Silva Ribeiro (1971-1975), outro objetivo intervencionista era também mudar a imagem de pobreza a qual era atribuída ao Piauí. Mudar a aparência do Estado tornar-se-ia uma das principais prioridades para o governo, pois no início de seu mandato Alberto Tavares Silva considerava que o aspecto do Piauí e de sua capital divulgado, dentro e fora dos seus limites geográficos, “era demolidora da alta estima dos piauienses, portanto era necessário modificá-la” (NASCIMENTO, 1997, p. 29).

Com o objetivo de construir uma nova imagem do Estado, de um Piauí progressivo e com grandes potencialidades econômicas e turísticas o governo impeliu a produção de um longa-metragem intitulado *Guru das Sete Cidades* (1972), ambientado nas cidades de Teresina, Campo Maior, Piracuruca, Parnaíba e principalmente no Parque Nacional Sete Cidades. Esse pode ter sido o acontecimento motivacional (não sendo o único) que levou Antônio Noronha Filho (figura central deste texto) a realizar um filme paródia chamado *O Guru da Sexy Cidade* (1972), filmado também no Parque Nacional Sete Cidades.

O filme *O Guru da Sexy Cidade*, faz parte de um conjunto de filmes piauienses intitulados historiograficamente de “cinema espectro Torquato Neto” (CASTELO BRANCO, 2007). O primeiro filme foi *Adão e Eva do Paraíso ao Consumo* (1972), no mesmo ano Torquato Neto realizava o filme *O Terror da Vermelha*. Posterior a isso quase todos os jovens deste grupo realizaria seu próprio filme: ainda em 1972 Durvalino Couto fez o filme *David vai Guiar*; em 1973 Carlos Galvão realizava o curta *Porenquanto*, filmado no Rio de Janeiro; em 1974 também no Rio, Xico Pereira filmava *Tupi-Niquim* e em Teresina, Edmar Oliveira fez o filme *Miss Dora*.

Dentro deste mesmo espaço de tempo esse grupo de jovens realizaria imprensa alternativa com jornais que em sua maioria eram mimeografados, como por exemplo: *Estado Interessante*, *Hora Fatal* e o jornal *Gramma*. Esses jornais produzidos de forma artesanal podem ter sido as primeiras manifestações artísticas desse grupo que culminaria com o início da amizade entre eles. Entendo, portanto, que o grupo de amigos pode ter começado a se reunir nas “redações” desses jornais assim como também durante a produção dos filmes citados. Atividades estas que tiveram como uma das muitas inspirações e que ajudaria na união e interesses artísticos em comuns, o poeta piauiense Torquato Neto.

Um ano antes da vinda do poeta Torquato Neto à Teresina, em 1972, o grupo de amigos já começa a se reunir e já articulavam as primeiras atitudes artísticas na busca em emitir opiniões e posicionamentos diferentes perante a imprensa piauiense de grande

circulação. Opiniões estas manifestadas nesses suplementos alternativos. As primeiras linhas foram publicadas na página *Comunicação* dentro do jornal *Opinião* a partir de março de 1970. Nesse período o grupo era composto por Durvalino Couto, Edmar Oliveira, Paulo José Cunha e Fátima Mesquita.

Num intervalo de tempo após o lançamento do primeiro número do jornal *Gamma* no final de 1971 e o lançamento da segunda edição no fim do ano 1972 o grupo de jovens possuía praticamente a mesma formação, apenas com o acréscimo de Antônio Noronha Filho, Marcos Igreja, Arnaldo Albuquerque e Carlos Galvão. Os jovens ocupavam o tempo com dois suplementos alternativos: *O Estado Interessante* e *A Hora Fatal*. Deste ponto em diante podemos dizer que tudo pode ter se iniciado nesse círculo de imprensa alternativa e se mantém até a dispersão do grupo – lembrando que dentro deste quadro o super-8 também teve seu papel importante.

A vinda do poeta Torquato Neto a Teresina, no início da década de 1970, pode ser entendida como sendo um acontecimento de grande importância para os primeiros encontros do grupo de amigos. Na fala de Edmar Oliveira, num texto publicado em ambiente virtual no ano de 2016, ele descreve da seguinte forma esse encontro:

O ano de 1970 foi marcante na minha vida. Eu e Durvalino Couto fomos até a casa de dona Saló entrevistar o piauiense que tinha participado do movimento que mudou a Música Popular Brasileira – a Tropicália. Nós sabíamos da importância de Torquato Neto, que estava passando férias na terra, embora Teresina não o reconhecesse. Ele topou a entrevista, desde que lesse antes de publicássemos no jornal *Opinião*, num encarte feito por nós dois mais o jornalista Paulo José Cunha, que nesta época estava estudando em Brasília. Paulo é primo de Torquato e facilitou a entrevista [...] (OLIVEIRA, 2016, p. 01).

Esse primeiro contato com Torquato Neto foi o ponto crucial para a consolidação do grupo, pois a partir dele o poeta além de ter sido pivô de outros encontros, propicia o fortalecimento da amizade entre eles. Nesse período o grupo começa a tomar forma a partir de reuniões que ocorriam num pequeno quarto que ficava no quintal da casa do Dr. Noronha. Edmar Oliveira descreve um destes momentos da seguinte forma:

No quintal da casa do Noronha tinha um quarto com aparência de estúdio, onde nos deparamos com a maior coleção de LPs que jamais tínhamos visto, uma pequena biblioteca, mas com livros indispensáveis para nossa formação (OLIVEIRA, 2016, p. 01).

As sementes de uma grande amizade e cumplicidade de ideias são plantadas. Percebemos a importância de Torquato Neto na vida e formação desses jovens, da mesma forma que entendemos a importância do Dr. Noronha para a manutenção e formação intelectual do grupo que teve como ponto de partida o encontro com o poeta e que rendeu a possibilidade de outras figuras juntarem-se a eles. Sobre a importância de Torquato, Edmar Oliveira disse:

Torquato não só aprovou a entrevista como ficamos amigos e ele passou a colaborar com nossa folha cultural que se chamava, sintomaticamente, de Comunicação. Pregamos o jornal com a entrevista nas escolas para ver se os estudantes de então conheciam Torquato Neto. Um nos procurou e ficamos amigos, apenas um, Carlos Galvão. Este nos apresentou a Arnaldo Albuquerque, o gênio da raça mafrense. Logo conhecemos o Dr. Noronha – colega de Torquato Neto, médico pediatra que morava na rua Eliseu Martins, onde também tinha seu consultório. Torquato, depois desse pequeno, mas intenso, contato voltou para o Rio. O tempo entre este encontro e o próximo e último, em 1972, ocupa na minha memória um espaço desproporcional (OLIVEIRA, 2016, p. 01).

Entendemos essa notabilidade de Torquato como elemento crucial na formação do grupo como sujeitos intelectuais e artistas piauienses ligados aos paradigmas da época em âmbito político e cultural. Da mesma forma entendo a figura do Dr. Noronha como elemento influenciador e importantíssimo para alicerçar o grupo a partir de ideias culturais e economicamente em termos de aparatos tecnológicos e materiais intelectuais, o que de certa forma influenciou na caracterização de Noronha como uma espécie de mecenas das artes produzidas desde aquela época. Desta forma, Dr. Noronha tornou-se na década de 1970 o líder de um grupo de amigos artistas teresinenses.

Noronha Filho formou-se médico aos 24 anos, foi professor universitário, prefeito de Monsenhor Gil, secretário de educação e de cultura do Piauí. (SOUSA; CASTELO BRANCO, 2014, p 73). Teresina, nos anos da década de 70, possuía uma sociedade bastante tradicionalista, mas Dr. Noronha não se importava com isso, pois o fato de comentarem sobre suas opções sexuais e de ter entre seus principais amigos jovens considerados *hippies* na época, era tudo muito engraçado e uma grande diversão para ele. Nesse sentido Edmar Oliveira, assim relembra:

Noronha não se importava com a sociedade conservadora da época que condenava sua atitude de abrigar uns *hippies* na sua casa. Ria dos comentários maldosos sobre sua homossexualidade. Entre nós nunca tocamos nesse assunto tabu para a época. E ri muito da última entrevista do

Doutor na Revestrés: “tudo que falam de mim é verdade”. E eu tenho a certeza que sem o Noronha não éramos nós (OLIVEIRA, 2016, p. 01).

A revista a qual Edmar Oliveira menciona é a revista piauiense Revestrés, que nesta matéria anuncia Dr. Noronha com a seguinte manchete: “Doutor Coragem, o médico que, aos 70 anos, desafina o coro dos contentes: é favorável à eutanásia e à descriminalização das drogas, e considera o suicídio um direito do cidadão” (REVESTRES, Doutor Coragem, Teresina 2016, p.9). Em outra reportagem do mesmo ano (em 22 de julho), infelizmente, o site *cidadeverde.com* publicava a seguinte matéria:

Médico Noronha Filho morre em casa aos 71 anos em Teresina. Dr. Noronha, foi grande defensor dos temas de interesse da saúde das crianças, se especializou em hebiatria e passou a se dedicar também a saúde dos adolescentes, foi prefeito da cidade de Monsenhor Gil e ainda incentivador Cultural. De acordo com o seu irmão, José Noronha, há cerca de 20 dias, o médico havia descoberto um câncer no fígado. Ele chegou a fazer duas cirurgias e ficou internado por dez dias. Hoje ele foi liberado pelos médicos para voltar para casa e morreu apenas duas horas depois. "Ele sempre disse que queria morrer em casa", relatou o irmão (PEREIRA, 2016).

O incansável Doutor, assim como nos tempos da década de 70, ainda movimentava o cenário cultural do Piauí na sua fase, não estagnada, de velhice, como por exemplo, ao produzir um coral composto por deficientes visuais (REVESTRES, 2016). No seu último ano de vida ainda surpreende pela vitalidade de ideias e vontade de produzir:

Foi e é muito mais coisas não institucionalizadas: amigo de Torquato Neto, ajudou a construir o movimento de cinema super 8 no início dos anos 70 no Piauí. [...] Recentemente fundou um coral de deficientes visuais na Acep – Associação dos Cegos do Piauí, e vive arrumando espaços onde eles possam se apresentar. [...] Conversar com Noronha é esbarrar com uma fonte de ideias jorrando. Ele está sempre falando de algum projeto novo que tem em mente. Sabe o que fazer com o Centro de Artesanato do Piauí e com o Albertão – estádio quase abandonado. Tem ideias para a educação, para a cultura, para a música, para os jovens [...] (REVESTRES, Doutor Coragem, Teresina 2016, p.9).

Entendo o Dr. Noronha como um sujeito que não se aquietava, um líder, “sujeito-signo” que ao longo de sua vida “desinvestiu na linha de desejo-padrão para investir numa linha de fuga: aos carrões, preferiu a bicicleta; à sisudez das reuniões acadêmicas, preferiu a companhia libertária dos jovens que enchiam nos finais de tarde a Praça da Liberdade no centro de Teresina, imersos em maquinações criativas [...]” (SOUSA; CASTELO BRANCO, 2014, p. 74).

## “Doutor Coragem”: Reconhecimento e sociabilidades juvenis

O uso da palavra *coragem* no título deste texto justifica-se pelo fato de que Antonio Noronha Filho tornou-se uma figura bastante reconhecida (reconhecimento que pode ter sido tardio) na sociedade teresinense por suas ideias às vezes controversas e desafiadoras, até para os dias atuais. Foi objeto de muitas reportagens na imprensa piauiense em seus últimos anos de vida. Um trecho de reportagem na revista piauiense *Revestrés* (onde, inclusive, me inspirei para o título desse texto) é um dos exemplos de suas ideias, onde ele se diz ser “[...] favorável à eutanásia e à descriminalização das drogas, e considera o suicídio um direito do cidadão” (REVESTRÉS, Doutor Coragem, Teresina 2016, p.9). Seu nome também foi lembrado e homenageado na 16ª edição da “Parada da Diversidade” de Teresina em 2017, o portal *Cidadeverde.com* publicou o seguinte:

A Parada da Diversidade acontece neste domingo em Teresina e deve reunir mais de 100 mil pessoas na Avenida Raul Lopes. A 16ª edição do desfile terá os shows da rapper curitibana Karol Conká e do paulista Liniker, com a banda Liniker e os Caramelows. Nesta edição a parada presta uma homenagem póstuma a Júnior Araújo através de sua drag queen "Kency Porta", e ao médico Antônio de Noronha, que foram escolhidos como padrinhos desta edição (PEREIRA, 2017).

Ano passado, 2019, uma creche municipal em Teresina recebeu o nome de “Centro Municipal de Educação Infantil Antônio de Noronha Pessoa Filho” em homenagem ao Dr. Noronha. No site da prefeitura de Teresina foi postada a seguinte nota:

A comunidade do Residencial Sigefredo Pacheco I, no bairro Vale do Gavião, zona Leste de Teresina, comemora a entrega da nova creche inaugurada nesta segunda-feira (23). O Centro Municipal de Educação Infantil Antônio de Noronha Pessoa Filho vai atender até 380 crianças, desde o berçário até o 2º período da educação infantil. [...] O CMEI leva o nome de um médico pediatra piauiense, famoso por sua solidariedade e compromisso com as famílias carentes. No Vale do Gavião, a unidade de ensino vai contribuir para a qualidade da formação das crianças, sendo um espaço seguro e confortável, todo monitorado por câmeras. “Estamos muito felizes e com ótimas expectativas para proporcionar esse novo mundo de conhecimentos aos pequenos”, disse a diretora Adarlene Brito (PAULINO, 2019).

Como já falado, todo esse reconhecimento pode ter sido tardio, pois nem sempre o corajoso Doutor foi reconhecido ou chamado de “famoso por sua solidariedade”. Certo é que Noronha – assim como Torquato Neto – na época dos anos de 1970 era bastante discriminado

e representava “ameaça aos bons costumes” para a sociedade piauiense, seja por seu modo de ser: direto e sincero em suas palavras, seja por sua cabeleira longa e roupas andróginas (estilo não bem aceito naquela época) ou por ter assumido publicamente sua homossexualidade enfrentando, desta forma, uma enxurrada de críticas vinda de uma sociedade extremamente conservadora. Também pode ter sido alvo de tais críticas devido aos lugares que frequentava e com quem.

Considero o Dr. Noronha um homem que desafiou seu tempo, se colocou de forma diferenciada perante uma sociedade preconceituosa e conservadora. Talvez só tenha sido reconhecido nos seus últimos anos de vida. Por isso o considero dentro desse universo juvenil teresinense um homem de muita coragem. Neste ponto as interações entre esse grupo de amigos que o Doutor frequentou eram o que os caracterizavam muitas vezes como jovens subversivos e frequentadores dos “não lugares” (AUGÉ, 1994) em Teresina. Esses lugares representavam espaços indesejados na capital piauiense, que para os jovens em questão eram espaços de sociabilidades que resultavam de “práticas espacializantes” (CERTEAU, 2014).

Essas formas de sociabilidades praticadas pelo grupo, que a luz do pesquisador Michel de Certeau (2014) denominam-se “práticas espacializantes”, além de definir-los como tal, resulta de atos que ressignificaram os lugares frequentados por eles – isso dentro de um quadro de processo de modernização autoritária em Teresina na década de 1970 – transformando-os em espécies de *bunker’s* dessa nova geração. Essas sociabilidades em tais lugares são definidas, portanto, por atos de transformação onde os espaços são arrancados da categoria de lugares comuns através dessas práticas diferenciadas. Vale ressaltar que esses lugares para a maioria dos teresinenses eram apenas espaços de “uma mobilidade opaca e cega” (CERTEAU, 2014, p. 162), que eram na verdade transformados e catapultados para a posição de espaços ressignificados. Podemos melhor entender essas “práticas espacializantes” a partir do seguinte excerto

Existe uma estranheza no cotidiano que não vem à superfície, ou cuja superfície é somente um limite avançado, um limite que se destaca sobre o visível. Neste conjunto, eu gostaria de detectar práticas estranhas ao espaço “geométrico” ou “geográfico” das construções visuais, panópticas ou teóricas. Essas práticas do espaço remetem a uma forma específica de “operações” (“maneiras de fazer”), a “uma outra espacialidade” (uma experiência “antropológica”, poética e mítica do espaço) e a uma mobilidade *opaca e cega* da cidade habitada. Uma cidade *transumante*, ou metafórica, insinua-se assim no texto claro da cidade planejada e visível (CERTEAU, 2014, p. 159).

Nesse sentido, essas práticas cotidianas realizadas nos espaços vividos e familiarizados com a cidade configuram procedimentos “multiformes, resistentes, astuciosos e teimosos” (CERTEAU, 2014, p.163), por tratar-se de práticas consideradas subversivas para a época, como por exemplo, quando alguma das moças que faziam parte do grupo (a exemplo de Claudete Dias) usando mini saia e mini blusa frequentemente eram encontradas em meio aos amigos ocupando uma das cadeiras no Bar Gelatti bebendo vinho e fumando cigarros (atitudes não aceitáveis para “moças de família”). Comportamentos esses realizados numa sociedade que nos ensina ao longo dos tempos a duvidar das identidades e não reconhecê-las dentro de um quadro de transformações aceleradas num mundo contemporâneo. Com isso os espaços tornam-se ou tornaram-se “não-lugar” (AUGÉ, 1994), ou seja, um lugar apenas de passagem, local para transumância de pessoas comuns.

Dentre esses mais variados espaços frequentados por esse grupo de amigos, em Teresina, podemos listar: as “coroas” do Rio Parnaíba, a Praça Pedro I, a Praça da Liberdade, a Avenida Frei Serafim, o Bar Gelatti, entre muitos outros. Neste conjunto de lugares na cidade de Teresina, um merece maior destaque, um improvável espaço comercial que se tornaria um dos centros para onde convergiria a deambulação dessa trepidante parcela da juventude teresinense: o Bar Gelatti. Este local, transformado numa espécie de espaço marginal, um misto de bar e sorveteria localizado na Avenida Frei Serafim, uma das artérias mais importantes da cidade desde aquele tempo, seria um espaço de sociabilidades culturais juvenis bastante frequentado por esses jovens, tornando-se desta forma um lugar identitário que serviu também como a principal locação de alguns dos filmes rodados em super-8.

As inúmeras possibilidades de sociabilidades nesses lugares enfatizam que as enormes transformações que ocorrem na vida cotidiana de cada um de nós é o que resultam do processo de globalização ou do advento da pós-modernidade que de alguma forma refletem-se, em grande medida, intimamente na nossa relação com os espaços da cidade (AUGÉ, 1994).

Desta forma, podemos entender que todos esses lugares frequentados, nos anos da década de 1970 em Teresina, por esse grupo de jovens, transformaram-se ou foram transformados em lugares ressignificados. Seja ao reunirem-se na grama da Praça da Liberdade para idealizarem o nome de um dos jornais alternativos que produziram (a exemplo o jornal *Gamma*), seja em reuniões rotineiras no Bar Gelatti para a gravação de um dos filmes rodados em super-8, esses espaços são literalmente desenraizados de seus lugares comuns, deixando de serem “não-lugares”, para os jovens em questão, e transformados em

espaços de sociabilidades identitárias a partir de suas “práticas espacializantes” (CERTEAU, 2014).

O que também resultou dessas sociabilidades foi o envolvimento desses jovens com o experimentalismo literário e crítico, a exemplo – num quadro de mudanças e surgimento de um universo de comunicação alternativa em que vivia o país naquela época – tivemos o jornal mimeografado *Gamma*, lançado no dia 19 de fevereiro de 1972 com apenas dois volumes.

Na segunda edição do jornal *Gamma* Dr. Noronha em sua busca por uma linha de fuga ou um novo caminho nas artes e novas linguagens experimentais – que certamente contribuiu para o reconhecimento da figura do Dr. Noronha primeiramente pelos historiadores piauienses – publica um texto intitulado “Viagem”. Neste texto Noronha descreve, literalmente, uma viagem em todos os sentidos da palavra. Narra a trajetória de um viajante em busca de uma fuga de padrões, encontrando paz fora dos sentidos reais ou fora dos termos padronizados em relação aos mecanismos de captura social daquele tempo:

Era uma vez um jovem que, insatisfeito onde estava, resolveu, num belo dia, sair de casa. Juntou as poucas coisas que possuía, colocou nas costas e saiu. Os primeiros dias foram difíceis. Passou fome, frio e toda espécie de necessidades. Mas um dia, já cansado, e como era noite, encostou-se numa árvore e dormiu. Como era seu costume, acordava antes do sol nascer para poder admirar aquela beleza que se modificava dependendo do lugar em que se achava. Naquele dia porém foi diferente. Quando acordou sentiu algo estranho naquela paisagem que contemplava todo dia. Estava claro mas também escuro. Ficou chateado pois pela primeira vez tinha perdido o nascer do sol (NORONHA FILHO, *Gamma*, nº2, p. 18, 1972).

Esse transcendente narrar do nascer do sol, além de revelar, entre outras coisas, certo incomodo com as alterações ocorridas naquela época na sociedade piauiense devido à conjuntura vivida, talvez fosse a anunciação de outra participação do Doutor em outro exemplar jornalístico experimental do final da década de 1970, o jornal alternativo *SOL*. A propósito, foi num contexto universitário piauiense que surgiu o jornal *SOL*, tendo como diretor Cacá Resende, presidente do CCHL em 1979, e como diretor responsável Rubens Costa e colaboradores Arnaldo Albuquerque e Durvalino Couto.

É importante destacar um fato bastante relevante para a fluidez de ideias novas relacionadas ao que diz respeito às manifestações culturais e juvenis daquela época, a fundação da Universidade Federal do Piauí no ano de 1972 edificado no Campus Ininga em Teresina e logo após no Campus Reis Veloso na cidade de Parnaíba. Esse espaço, portanto, tornou-se um local importantíssimo e privilegiado de discussões, fazendo resultar as mais

variadas ideias artísticas e intelectuais piauienses daquela época. Pois, as mais diversas discussões resultantes de lançamentos de livros, revistas, cartazes e de mesas de debates, ocorridas, sobretudo no auditório Herbert Parentes Fortes, ajudaram a intensificar naquela época um clima político e cultural na cidade de Teresina (BEZERRA, 1993).

O jornal *SOL* surge, como descrito na página 2 do mesmo, com a proposta de “fazer um apanhado geral de todos os grupos sociais de Teresina, do Piauí, do planeta terra, do sol, das galáxias, enfim, uma percepção do Universo a partir do espaço social que ocupamos” (RESENDE, *SOL*, 1979, p. 2). Neste primeiro número o jornal mimeografado, não por coincidência, traz como entrevistado principal em destaque na primeira página Dr. Noronha.

**Imagem:** Jornal *SOL*, Teresina, 1979. Dr. Noronha

Fonte: Acervo pessoal



O Doutor, na época professor titular na UFPI e médico especialista em pediatria aos 24 anos de idade, vinculava-se ao tipo de sujeito que busca “singularização existencial que coincida com um desejo” (GUATTARI, 1994, p. 17), o de que os jovens em estudo (o grupo de amigos), mesmo que vivessem num período ordenador, sempre procuram escapar das identidades preestabelecidas. Os mais variados assuntos eram pautados, desde que fosse possível dar voz aos mais diversos sujeitos piauienses, como podemos notar no trecho: “queremos veicular as informações, queremos dar voz aos setores marginalizados de nossa sociedade marginalizada: aos negros, aos poetas, aos profetas, aos políticos, aos músicos, aos bichas ou gays, aos índios e à grande maioria marginalizada: o esfomeado povo piauiense” (RESENDE, *SOL*, p. 01, 1979).

Entre muitos outros assuntos abordados no jornal *SOL* fica evidente, na fala do Dr. Noronha em entrevista, que o machismo e as relações homem-mulher também eram pauta de

discussão na imprensa alternativa. Como é possível notar na resposta do Doutor à seguinte pergunta: “Noronha, antes os caras comiam as meninas e elas colocavam as mãos na cabeça, pensando assim: ‘Será que ele ainda me quer?’ Hoje parece que são os caras que estão botando a mão nas cabeças [...]”:

Existe uma nova mentalidade da mulher piauiense. Por exemplo, a mulher de meia idade, 34 anos, não procura o marido para ir à cama, porque acha que é falta de respeito. Já com a mulher mais nova isso não acontece. Então o movimento feminino é o seguinte, é um movimento de luta social. O que a mulher também quer é a independência econômica, mas infelizmente a mulher é burrificada a partir do nascimento, ela tem que ficar imbecilizada em casa para receber o príncipe encantado numa certa época de sua idade. [...] O machista tem medo da liberdade sexual e sendo o piauiense um machista em potencial a liberdade sexual aqui vai muito mal (NORONHA FILHO, SOL, nº 1, p. 05, 1979).

O machismo e as relações afetivas, canalizados pela ótica do médico e professor universitário, nas discussões em torno da “liberdade para a descoberta do corpo, do prazer e das potencialidades da sexualidade nas fases de relacionamento pré-casamento” (QUEIROZ, 2006, p. 274, *Apud.* SOUSA, CASTELO BRANCO, 2014, p. 80), demonstram que tais jovens buscavam subjetivarem-se num quadro identitário onde “a fuga é vencida pelo desejo [...]. Os jovens brincam, deitados sobre a grama, rolam, abraçam-se. O teor romântico-sexual aponta para as novas possibilidades de subjetivação dos corpos que eram enunciadas por essa geração” (BRITO; CASTELO BRANCO, 2017, p. 07).

Portanto, nesta cidade subjetiva ligada as mais diversas sociabilidades urbanas juvenis, esse pequeno grupo de amigos que produziram jornaizinhos e filminhos em formato não comercial realizaram movimentações urbanas que resultam de identidades mutuas em determinado momento de suas vidas, com o objetivo de romper com os limites perniciosos e muitas vezes geográficos, pois com o tempo acabaram migrando para o Sul do Brasil.

Ao encerrar na segunda edição o jornal *Gamma* anuncia essa separação, uma pequena pausa seguida da quase total dispersão do grupo que compunha essa “geração”. Sobre isso Edmar Oliveira falou o seguinte: “a gente queria fazer aquilo que a gente fez e pronto, acabou, não tem mais pra onde ir. (...) naquela época éramos estudantes e cada um tinha que seguir seu rumo” (OLIVEIRA, 2016).

Esta geração, neste contexto analisado, é entendida não como instrumento de medida do tempo, mas como um elemento primordial no processo de elasticidade das relações sociais que resulta num grupo e não numa unidade, onde o afeto que os vinculavam em determinado

momento de suas vidas os vinculam ainda por muito tempo (SIRINELLI, 2006). Carlos Galvão afirmou que: “Hoje, por exemplo, quase todo mundo, os amigos Edmar [Edmar Oliveira], [Xico] Pereira, mora lá [no Rio de Janeiro], mas, mantendo o mesmo tipo de relação e lógico todo mundo tem família, os filhos quase todos próximos” (GALVÃO, 2003. *Apud.* BRITO, 2017, p. 115). A manutenção das afetividades entre esses jovens que migraram para outras cidades contribuem para a continuidade de suas práticas culturais ao mesmo tempo em que mudar para longe “significa levar consigo muito do que constituía uma *teresinensidade*” (BRITO; CASTELO BRANCO, 2017, p. 115).

### **Considerações finais**

É a partir da emergência de novas linguagens cuja centralidade está nos projetos artísticos juvenis que no Brasil foram ressignificados nos anos da década de 1970 que entendemos as manifestações artísticas deste período como um grande lócus interminável de intervenções para os historiadores. Tempo em que as formas dominantes de pensamento no Brasil cuidaram de nomear e capturar as atitudes e manifestações artísticas juvenis, algumas vezes – como no caso do grupo de amigos cabeludos piauienses que movimentaram o cenário cultural teresinense naquela época – com o intuito de segregarem ou cercarem para capturar algumas virtualidades e varrê-las para a margem (CASTELO BRANCO, 2005).

Os anos 1970 funcionaram como tempo social determinante para o surgimento da geração Antônio Noronha Filho, pois entendo que os significados compartilhados pelo grupo foram os mesmos e as identidades artísticas que os caracterizam como tal também, assim como os signos, as “interconexões” na história individual possuem relações. E entre estas, as dimensões das referências ao tempo social são os mesmos dentro de um quadro em que as identidades são constituídas a partir dos recursos e significados culturais que estavam socialmente e historicamente disponíveis na época (SIRINELLI, 2006).

Desta forma, é importantíssimo entendermos o valoroso papel de Antônio Noronha Filho como figura símbolo, “sujeito-signo”, guru, mecenas, patrocinador das artes e fornecedor de matérias de expressão importantes para a formação artística e intelectual do grupo de amigos, o qual ele pertence desde os anos da década de 1970. Sobre essa questão, torna-se oportuno observarmos a fala de Edmar Oliveira acerca do processo do reconhecimento do Dr. Noronha como gestor intelectual e artístico dessa geração:

A generosidade do Doutor – como chamávamos carinhosamente Noronha – foi demais importante para mim e creio que para os meus companheiros. Tínhamos liberdade de entrar a qualquer hora, passávamos o dia lendo e escutando discos que sequer tocavam no rádio. Ele ia trabalhar na Faculdade de Medicina e depois no consultório. Quando acabava ficávamos de papo por muito tempo. Ele deitado numa rede que atravessava o quarto e nós a sua volta sugando informações que foram por demais importantes para nossa formação de pessoas. [...] E eu tenho a certeza que sem Noronha não éramos nós (OLIVEIRA, 2016, p. 01).

Como líder deste grupo de amigos Antonio Noronha Filho ao fazer parte do processo artístico alternativo no Estado do Piauí nos anos 1970 desvincilhou-se da linha de desejo padrão em uma sociedade conservadora e adestrada para investir em uma linha de fuga alternativa. Ele preferiu a companhia libertária dos jovens “hippies” que ocupavam, de preferência nos finais de tarde, os principais lugares de sociabilidades de Teresina. Locais para atitudes artísticas que eram, em grande medida, espécies de movimentações indesejadas para parte da sociedade teresinense da época.

O grupo de amigos, que aqui foi objeto de estudo, rompendo com a sintaxe imposta e criando uma nova, elaboraram um novo quadro espacial artístico/identitário em Teresina dos anos da década de 1970. E a partir de práticas artísticas “especializantes” revelaram novos lugares, espaços transformados, assim como também um novo lugar dentro de novos sujeitos que resultou na geração Antônio Noronha Filho. Geração esta que não pode ser entendida como um grupo de amigos pertencente a essa ou aquela demarcação temporal ou biológica, mas sim ao tempo que experimentaram os mesmos vínculos identitários, as disputas, conflitos e ordenações. Foi nesse contexto que surgiu, então, uma geração que compartilhou os acontecimentos daquela época tendo como figura central após a morte de Torquato Neto o médico piauiense Antônio Noronha Filho.

## Referências

- AUGÉ, Marc. **Não-lugares**: introdução a uma antropologia da supermodernidade. Campinas: Papyrus, 1994.
- BARBOSA, Carlos Lopes. “**Um grupo de pessoas que não se aquietava**”: Geração Antonio Noronha Filho e a emergência de uma nova sintaxe urbana em Teresina na década de 1970. Dissertação (Mestrado em História do Brasil) – Universidade Federal do Piauí, 2018.
- BRITO, Fábio Leonardo Castelo Branco; CASTELO BRANCO Edwar de Alencar. **Estilhaços, Diáspora e Desterritorialização**: Vivências juvenis nos superoitos Porenquanto (1973) e Tupi Niquim (1974). Mnemosine – Revista do Programa de Pós-Graduação em História da UFCG, Volume 8, n. 1, Jan/Mar 2017.

- BEZERRA, José Pereira. **Anos 70**: por que essa lâmina nas palavras? Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1993.
- BRITO, Fábio Leonardo Castelo Branco. **Torquato Neto e seus contemporâneos**: vivências juvenis, experimentalismo e guerrilha semântica em Teresina. Dissertação (Programa de pós-graduação em História do Brasil). UFPI, CCHL – 2013.
- CASTELO BRANCO, Edwar de Alencar. **Todos os dias de paupéria**: Torquato Neto e a invenção da tropicália. São Paulo: Annablume, 2005.
- CASTELO BRANCO, Edwar de Alencar. **Táticas caminhanças**: cinema marginal e flanâncias juvenis pela cidade, Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 27, n 53. p 177-194, 2007.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: 1. Artes de fazer. 22. Ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2014. Disponível em: < <https://books.openedition.org/etnograficapress/379>> Acessado em: 20/10/2020.
- COSTA, Antônio Firmino. Estilos de sociabilidades. (In) CORDEIRO, Graça Índias; BAPTISTA, Luís Vicente; COSTA, Antônio Firmino. (org). **Etnografias urbanas**. Lisboa: Publication sur OpenEdition Books, 2018.
- FEIXA, Carles; LECCARDI, Carmem. O conceito de geração nas teorias sobre juventude. **Sociedade e Estado**, v. 25, n. 2, p. 185-204, 2010. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-69922010000200003](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69922010000200003)> Acessado em 03/04/2017.
- GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica**: cartografias do desejo. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1994.
- MONTE, Regianny Lima. **A cidade esquecida**: sentimentos e representações dos pobres em Teresina na década de 1970. Dissertação (Programa de pós-graduação em História do Brasil). UFPI, CCHL – 2010.
- NASCIMENTO, Francisco Alcides do. **Imprensa e Imagens**: A construção de Representações do Piauí e de Teresina através de jornais diários da década de 1970. In. *Clio*. Revista de Pesquisa Histórica / Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. – Vol. 1, n. 1. Recife: Ed. Universitária da UFPE. 1997.
- NORONHA FILHO. **Viagem**. Jornal Gramma, nº2, Teresina 1972.
- NORONHA FILHO. **Entrevista**. Jornal SOL, nº 1, Teresina 1979.
- OLIVEIRA, Edmar de. **Sem o Noronha não éramos nós**. Ambiente virtual [s/e]. Rio de Janeiro, 2016.
- PAIS, José Machado, (Org.); BLASS, Laila Maria da Silva, (Org.). **Tribos urbanas**: Produção artística e identidades. – São Paulo: Annablume, 2004.
- PEREIRA, Rayldo. **Médico Noronha Filho morre em casa aos 71 anos em Teresina**. cidadeverde.com, 2016. Disponível em:<<https://cidadeverde.com/noticias/225162/medico-noronha-filho-morre-em-casa-aos-71-anos-em-teresina>> Acessado em: 28/05/2020.
- PEREIRA, Rayldo. **Parada da Diversidade homenageia "Kency Porta" e Antônio Noronha**. cidadeverde.com, 2017. Disponível em: <<https://cidadeverde.com/playlist/86462/parada-da-diversidade-homenageia-kency-porta-e-antonio-noronha>> Acessado em: 28/05/2020.
- PAULINO, Rômulo. **CMEI Noronha Filho é inaugurado no Vale do Gavião e beneficia 380 crianças**. pmt.pi.gov.br, 2019. Disponível em:< <https://pmt.pi.gov.br/2019/09/23/cmei-noronha-filho-e-inaugurado-no-vale-do-gaviao-e-beneficia-380/>> Acessado em: 28/05/2020.
- REVESTRES. **Doutor Coragem**. Teresina, 2016, n. 23.
- RESENDE, Cacá. **Jornal SOL**, Teresina, ano 1, Nov/1979.
- SOUSA, Paula Poliana Olímpio de Melo; CASTELO BRANCO, Edwar de Alencar. Maquinações paródicas e políticas do corpo no filme O guru da sexy cidade. In.: FONTINELES, Claudia Cristina da Silva; MONTEIRO, Jaislan Honório; CERQUEIRA,

Maria Dalva Fontinele. (Org.). **Itinerários da pesquisa em História**: a polifonia de um Campo. – Teresina: EDUFPI, 2014.

SIRINELLI, Jean-François. A geração. In. **Usos e abusos da história oral**. (Org.) AMADO, Janaina; FERREIRA, Marieta de Moraes. – 8. Ed. – Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

SENNETT, Richard. **Carne e Pedra**: O corpo e a cidade na civilização ocidental. 4º edição – Rio de Janeiro: BestBolso, 2016.

Recebido em 05 de setembro de 2020

Aprovado em 10 de dezembro de 2020